

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



MORRE O HOMEM NASCE O MITO:
O legado de Aluzio Alves na política norte-rio-grandense

Leandro Batista do Nascimento

NATAL / RN

2006

LEANDRO BATISTA DO NASCIMENTO



MORRE O HOMEM NASCE O MITO:

O legado de Aluízio Alves na política norte-rio-grandense

Monografia apresentada à disciplina
Pesquisa Histórica II, sob a orientação da
Professora Doutora Maria da Conceição
Fraga, do curso de História da Universidade
Federal do Rio Grande do Norte.

NATAL / RN

2006

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO:

A Deus, por tudo que ele representa na minha vida.

Aos meus pais Luiz de França de Maria das Graças, que sempre investiram na minha educação e formação, e a quem devo tudo o que sou.

A Jaadiane, pelo companheirismo e dedicação.

Aos professores do departamento, que contribuíram para a minha formação acadêmica e, sobretudo, de cidadão crítico e consciente.

Aos grandes amigos que cultivei no decorrer do curso: Hemeter, Richarkson, Lindemberg, Viviane e, em especial, ao meu amigo de todas as horas Rafael que tanto me apoiou e incentivou na realização do trabalho.

A minha orientadora professora Conceição Fraga, pelo carinho e incentivo.

Em fim, a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a concretização desse momento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
1- HISTÓRIA, MEMÓRIA E POLÍTICA NO RIO GRANDE DO NORTE.....	07
1.1- Aluízio Alves atravessou gerações.....	07
1.2- Imagens de homem público.....	09
1.3- História e Memória.....	10
2- A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALUÍZIO ALVES.....	14
2.1- Jornalismo e política: vocação desde criança.....	14
2.2- Atuação na Câmara Federal.....	17
2.3- “O governo da esperança”.....	20
2.4- À volta ao cenário político.....	34
3- O LEGADO DE ALUÍZIO ALVES.....	36
3.1- Aluízio pelos familiares e políticos.....	37
3.2- Aluízio pelo povo.....	41
3.3- Os que não foram ouvidos.....	46
CONCLUSÃO.....	47
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	50

INTRODUÇÃO

Aluízio Alves é um dos maiores nomes do cenário político norte-rio-grandense do século XX. Sua presença e força políticas atravessaram desde as décadas de 1930 até o início do século XXI. Instalando-se como referência inquestionável após a sua morte, no dia 06 de maio de 2006. Aluízio Alves, durante essa longa trajetória, foi sendo identificado tanto pelas suas surpreendentes qualidades de homem público, como por suas características de “homem comum”, facetas que o aproximavam ao mesmo tempo dos grandes líderes de seu tempo e do povo potiguar, a sua “gentinha”. Ficou conhecido como o “homem da esperança”, o protetor das causas populares, mas também como político que em cujo governo oprimiu as manifestações sociais, perseguiu e torturou trabalhadores.

A literatura produzida acerca de Aluízio Alves traz, em sua maioria, um discurso que enaltece a sua imagem de homem público. Principalmente as que se referem ao período em que governou o Estado (1960-1965), construindo uma imagem heróica do governador - aquele que trouxe o progresso e a modernização para o Rio Grande do Norte.

Dentre as obras que engrandecem a figura de Aluízio Alves podemos citar o livro de Sérgio Luiz B. Trindade, intitulada de “Aluízio Alves: populismo e modernização do Rio Grande do Norte”, na qual o autor faz uma análise da trajetória política de Aluízio Alves, de sua eleição e administração à frente do governo do estado (de 1960 a 1966). Segundo Trindade, Aluízio construiu uma carreira política brilhante e o seu governo foi responsável pela edificação do Estado moderno no Rio Grande do Norte e pela construção de uma nova economia.¹

¹ TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *Aluízio Alves: populismo e modernização no Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2004, p. 19.

Há também, embora em menor quantidade, aquela literatura que traz um discurso que desmistifica essa imagem de herói, principalmente no que se refere ao período da ditadura militar no Rio Grande do Norte. Entre eles podemos citar a obra de Maílde Galvão “1964. Aconteceu em abril”, onde a autora faz um relato dos primeiros movimentos da ditadura militar no Rio Grande do Norte, mostrando o lado autoritário e opressor do governo Aluizio Alves, que, ao aderir ao golpe, passou a apoiar e liderar diversas ações repressivas.

O presente trabalho tem como objetivos analisar o significado da memória e da história e sua relação com a política, a partir da trajetória de vida de Aluizio Alves, bem como, identificar essa trajetória e a importância da atuação de Aluizio Alves na política norte-rio-grandense e, por fim, investigar o que se constituiu o legado no que se refere a relação de Aluizio Alves com a política potiguar.

O recorte temporal do trabalho vai desde a década de 1930, quando Aluizio Alves se envolve pela primeira vez em um acontecimento político, durante a revolução de 1930, e vai até a contemporaneidade, onde teremos a oportunidade de verificar a repercussão e o impacto da sua morte no cenário político-social do Rio Grande do Norte.

O enfoque teórico ao qual o trabalho está inserido é a História Política, mais precisamente a “Nova História Política” francesa, que está em interface com a História Social e Cultural, procurando resgatar a ação política humana no tempo e os sentimentos, emoções, formas de pensar dos grupos e classes sociais e suas relações conflituosas.

Para a execução do trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica com obras ligadas à área política, social e econômica, que tratam da história do Brasil e do Rio Grande do Norte dentro do recorte temporal da pesquisa. Com destaque para as obras de Henrique Alonso Rodrigues Pereira, Sérgio Luiz Bezerra Trindade, Maílde Pinto Galvão. No que se refere à

elaboração dos conceitos relativos a *memória* e *história* foram de fundamental importância as obras de Maurice Halbwachs e Piere Nora.

Foi feito também um levantamento das matérias publicadas em jornais, sites e revistas, após a morte de Aluizio Alves. Matérias estas que trazem depoimentos de pessoas que de alguma forma conviveram ou fizeram parte da sua trajetória política (amigos, familiares, aliados e adversários políticos e a população norte-rio-grandense em geral). Em especial as matérias publicadas no Jornal Tribuna do Norte, por pertencer à família Alves.

No que se refere à estrutura, o trabalho foi dividido em três momentos:

No primeiro, realizaremos um pequeno esboço da trajetória de vida de Aluizio Alves no cenário político norte-rio-grandense, relacionando-a com a construção de imagens de homem público acerca do mesmo. Faremos ainda uma relação entre os conceitos de memória individual, memória coletiva e história.

No segundo, faremos um retrospecto da carreira política de Aluizio Alves, destacando suas realizações seja como deputado federal, como governador, ministro ou ainda como líder político. Procurando relatar os principais fatos da conjuntura político-social do Brasil e do Rio-grande do Norte, que marcaram a trajetória de Aluizio Alves: a Revolução de 1930, o Estado Novo, a Redemocratização, a Ditadura Militar, novamente a Redemocratização.

No terceiro momento investigaremos a repercussão e o impacto da morte de Aluizio Alves no cenário político-social do Rio Grande do Norte, bem como o legado por ele deixado.

I – HISTÓRIA, MEMÓRIA E POLÍTICA NO RIO GRANDE DO NORTE

1.1- Aluízio Alves atravessou gerações

Em sua carreira política, Aluízio Alves vivenciou diferentes momentos do cenário político brasileiro. De deputado constituinte, em 1946, ao seu último mandato como deputado federal em 1998, ele foi personagem de fases distintas e algumas vezes antagônicas da política nacional. Foi, sem dúvida, o mais longevo dos políticos norte-riograndenses, sendo testemunha de nossa história política desde os anos 1930, quando se iniciou na política através de José Augusto de Medeiros, no secretariado do Partido Popular. Foi, segundo Trindade, junto com Dinarte Mariz, um dos maiores chefes políticos do estado no século XX.²

Participou das lutas pela redemocratização do país, e com o fim do Estado Novo, em 1945, foi eleito para a Assembléia Nacional Constituinte, sendo o mais jovem deputado, com 24 anos. Permaneceu na Câmara Federal por três mandatos consecutivos até 1960. Em 1960, foi eleito governador do estado do Rio Grande do Norte utilizando um discurso populista que prometia acabar com a miséria e trazer o progresso e a modernização para o povo potiguar. Aluízio promoveu uma das campanhas mais memoráveis da história do estado. Essa campanha ficou conhecida como “Cruzada da Esperança” e lhe rendeu o título de líder populista³ e introdutor do “marketing” político no estado⁴.

² TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *Uma síntese da abertura política no Rio Grande do Norte*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1997, p. 17.

³ O populismo, no caso do Brasil, se caracterizou fundamentalmente por representar uma época histórica que se inicia com a revolução de 1930 e se estende até o golpe de estado em 1964. Como forma de governo, o populismo buscou orientar os anseios populares.

⁴ A participação de uma empresa de publicidade em uma campanha eleitoral nunca ocorrera antes na história política do estado, sendo Aluízio Alves, nas eleições de 1960, o responsável por essa inovação.

Nas eleições de 1960, Aluizio Alves introduziu o populismo no Rio Grande do Norte⁵. Este fenômeno político de massas ligado à dinâmica da urbanização passou a expressar um modo particular de relação entre o governante e os contingentes populacionais periféricos e recém chegados às cidades. O populismo permitiu a Aluizio Alves despontar sua liderança tanto junto à população desorganizada, como também entre os setores sociais organizados. Ambos foram seduzidos pela relação paternalista, em que o clientelismo atuava como forma de relação entre o povo e o governante. A retórica vibrante era seu forte e seus discursos mobilizavam multidões.

Com o advento da Ditadura Militar, em 1964, Aluizio, no desejo maior de manter-se no controle do poder estadual, adere ao regime militar apoiando e liderando diversas ações repressivas. Em 1969 teve os direitos políticos cassados pelo AI-5 (Ato Institucional número 5), passando de aliado a vítima do regime militar. Mesmo oficialmente afastado da vida pública, continuou fazendo política. Ele próprio afirmou ter sido sempre consultado pelos presidentes militares em relação à indicação dos governadores do estado.

Quando os seus direitos políticos foram recuperados em 1978, participou da eleição de 1982 para o Governo do Estado do Rio Grande do Norte, obtendo sua primeira derrota na carreira política para José Agripino Maia. Com o fim da ditadura participa do processo de redemocratização atuando como Ministro da Administração no Governo José Sarney, de 1985 a 1989. Em 1990 volta a se eleger deputado federal, pelo PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Já em 1992, no governo Itamar Franco, volta a ser Ministro. Desta vez, da Integração Nacional, onde idealizou o projeto de transposição do

⁵ PEREIRA, Henrique Alonso Rodrigues. *O homem da esperança: uma experiência populista no Rio Grande do Norte (1960-1966)*. Dissertação de Mestrado. Recife: Departamento de História, 1996, p. 16.

Rio São Francisco. Exerceu seu último mandato político entre 1994 e 1998, quando foi eleito mais uma vez deputado federal.

Essa rápida síntese da carreira política de Aluizio Alves nos dá a idéia do quão intensa ela foi, pois presenciou diferentes gerações e momentos da história política brasileira, que vai dos anos 1940 aos anos 1990: tendo participado do período democrático (1946 a 1964), da Ditadura Militar (1964-1984) e da redemocratização (1985).

1.2-Imagens de homem público

Por ter sido personagem de momentos distintos da história política brasileira, a imagem de Aluizio Alves é permeada de polêmicas e contradições. O próprio Aluizio se rotulava como um homem polêmico: “diante de mim e das minhas atitudes raramente há uma neutralidade, sempre alguém está a favor ou contra. É uma característica da minha vida, não escolhida por mim, mas, talvez, pelas circunstâncias ou pelo meu temperamento”.⁶

As “circunstâncias” fizeram de Aluizio Alves um personagem ímpar na história dos quadros políticos do Rio Grande do Norte, pois nenhum líder político esteve tão presente em cada momento da história potiguar como ele. Como um líder nato e um hábil estrategista, sua obra política repercutiu sobre várias gerações, colecionando admiradores, fãs obstinados e inimigos.

Aluizio Alves iniciou sua vida pública como jornalista e radialista, sendo este um dos motivos pelos quais os meios de comunicação sempre tiveram importância

⁶ LYRA, Carlos. *Memória viva de Aluizio Alves*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 1998, p. 11.

extraordinária em sua carreira.⁷ Nesse sentido, os meios de comunicação exerceram grande influência na construção de imagens de homem público⁸ acerca de Aluizio Alves.

1.3- História e Memória

Para melhor entender as contradições produzidas em torno da figura de Aluizio Alves será necessário abordar alguns dos conceitos relativos à memória que considero como fundamentais para a realização do trabalho.

Segundo Maurice Halbwachs, o indivíduo possui duas espécies de memórias, as individuais e as coletivas. De um lado, tem suas lembranças formadas por sua vida pessoal, no quadro de sua personalidade. Ao mesmo tempo, há um conjunto de outras lembranças, compartilhada a tal indivíduo por outras pessoas ou grupos e que se tornam impessoais.

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, a uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda a história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso.⁹

Portanto para Halbwachs a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

⁷ LINS da SILVA, Carlos E. *Em busca do voto perdido: os meios de comunicação na tentativa de restaurar um pacto populista*. Natal: COOJORNAT, 1982, p. 24.

⁸ Para saber mais sobre o processo de construção de imagens de homem público ver FRAGA, Maria da Conceição. *Memória articulada e memória publicizada: a experiência de parlamentares brasileiros*. Fortaleza: UFC, 2001. (TESE DE DOUTORADO).

⁹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 55.

A origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A disposição de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”.

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível.¹⁰

Tal sentimento de persuasão é o que garante, de certa forma, a coesão no grupo; esta unidade coletiva, concebida pelo pensador como o espaço de conflitos e influências entre uns e outros¹¹. A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios.¹²

Sendo assim, a memória se modifica e se rearticula conforme a posição que o indivíduo ocupa e as relações que estabelece nos diferentes grupos de que participa. Também está submetida a questões inconscientes, como a censura, o afeto, entre outros. É interessante ainda apontar que a memória é um objeto de luta pelo poder travada entre classes, grupos e indivíduos. Decidir sobre o que deve ser lembrado e também o que deve ser esquecido integra os mecanismos de controle de um grupo sobre o outro. Desse embate resultam, entre outras, as diferentes concepções acerca da imagem política de Aluizio Alves.

¹⁰ Idem, p. 37.

¹¹ Idem, p. 47-48.

¹² Idem, p. 51.



Portanto para Halbwachs o passado não é revivido, mas reconstruído a partir do presente, através das categorias de tempo e espaço.

Partindo dessa concepção, o trabalho não pretende somente descrever ou analisar a trajetória política de Aluizio Alves, seja enaltecendo-a ou denegrindo-a, mas reconstruí-la à luz dos significados do presente, tal qual ela se apresenta para as gerações que de alguma forma dela participaram.

Como se trata de um trabalho histórico, seria interessante fazer uma articulação entre memória e história, para tal propósito será utilizada a concepção formulada por Piere Nora, que trabalha com a noção de memória coletiva na perspectiva de identificar aquilo que fica do passado no vivido dos grupos ou aquilo que os grupos fazem do passado.

Segundo Nora, a memória tornou-se objeto da história, sendo por esta filtrada, o que impede de estabelecer diferenças entre a memória coletiva e a memória histórica. Mais do que isso, fala-se muito em memória atualmente, mas porque a memória já não existe e tudo aquilo que se considera memória é história.

Para Nora, a memória é um processo vivido, conduzido por grupos vivos, portanto, em evolução permanente e suscetível a todas as manipulações.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.¹³

Em contrapartida, a história é registro, distanciamento, problematização, crítica, reflexão. Os grupos de memória povoam suas lembranças, repetindo religiosamente aquilo

¹³ NORA, Piere. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. 1993, p. 09.

que é e sempre foi (tradição). A história, como operação intelectual, dessacraliza a memória.

A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.¹⁴

Tanto Halbwachs quanto Nora compartilham da idéia de que não existe memória, mas memórias e que estas são instrumentos de disputas. Portanto, podemos considerar também que não existe uma história, mas sim histórias. Construídas, narradas e representadas pelos atores sociais e cabe ao historiador registrá-las com imparcialidade a partir de problematização, crítica e reflexão.

¹⁴ Idem, p. 09.

II - A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALUÍZIO ALVES

2.1- Jornalismo e política: vocação desde criança

Nascido no município de Angicos, em 11 de agosto de 1921, Aluízio Alves iniciou-se no jornalismo ainda criança ao fundar em 1932, com apenas 11 anos de idade, um jornal local denominado “O Clarim”. Era um jornal semanal e tinha apenas um exemplar que passava de casa em casa e no qual contava os acontecimentos da cidade, reclamações ao prefeito, acontecimentos sociais, perfis biográficos, quadros e glosas.

Um dia (...) resolvi fazer um jornal. Eu escrevia o jornal no domingo, à máquina. A paginação era variada: tinha umas matérias em azul e, quando queria grifar fazia em vermelho; e, aquele jornal na segunda-feira começava a circular de casa em casa, na cidade [Angicos]. Eu entregava na primeira casa e seus moradores, depois da leitura, levavam as casas vizinhas. Era um exemplar só. Chamava-se “O Clarim”.¹⁵

Já morando em Natal, Aluízio Alves continuou a carreira de jornalista. Criou o Jornal “A Palavra e a revista “Potiguarânia” e dirigiu o jornal “O Estudante”. “Depois aqui [em Natal] fiz ‘A Palavra’ (...) e uma revista pretensiosa ‘Potiguarânia’. Circularam três números da revista, mas o jornal durou muito tempo (...) depois fui diretor de “O Estudante”.¹⁶

Até então, Aluízio tinha feito jornalismo estudantil (“O Estudante”), jornalismo literário (“O Clarim e “A Palavra”) e revista literária (“Potiguarânia”), sem nenhum envolvimento direto com a política. Porém, na campanha de 1933, o Partido Popular (PP)

¹⁵ LYRA, Carlos. *Memória viva de Aluízio Alves*. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 1998, p. 12.

¹⁶ Idem, p. 13.

cria o jornal “A Razão”, que pertencia a Dinarte Mariz e tinha como diretor Eloy de Souza, e que designou o jovem Aluizio Alves para trabalhar como repórter no jornal, iniciando assim seu envolvimento com a política norte-rio-grandense.

Foi, portanto, na campanha do Partido Popular, no turbulento cenário político da década de 1930, que Aluizio Alves, então com 13 anos, emergiu no cenário político como secretário do referido partido.¹⁷

Nas eleições de 1933 e 1934 organizaram-se, no Rio Grande do Norte; vários partidos políticos que representavam os interesses de diferentes setores sociais do estado. Para as eleições de 1933, foram criados dois partidos: o Partido Popular (PP); que representava as forças conservadoras do estado, chefiado pelo ex-governador e líder seridoense José Augusto Bezerra de Medeiros. O partido reunia também outros representantes da elite agrária do Seridó como Juvenal Lamartine e Dinarte Mariz.

Já o Partido Social Nacionalista do Rio Grande do Norte (PSN), representava a resistência de interventorias frente aos grupos tradicionais, contava com o apoio de Café Filho. Terminada as eleições, o Partido Popular saiu vitorioso elegendo três dos quatro deputados constituintes federais.¹⁸

Em relação a este episódio, Aluizio Alves escreveu um artigo em “A Razão” com o título de “três a um”, onde chamou o então interventor derrotado, Bertino Dutra, oficial da Marinha, de “apêndice podre da Marinha brasileira”. Diante da ofensa, a Marinha mobilizou-se e mandou prender Aluizio Alves. Entretanto por ser menor de idade ele não podia ser preso, então como punição o jornal foi fechado, voltando a circular na

¹⁷ TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *Aluizio Alves: populismo e modernização no Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2004, p. 55.

¹⁸ MONTEIRO, Denise Mattos. *Pão, Terra e Liberdade x Deus, Pátria e Família: as lutas sociais e a evolução política no Rio Grande do Norte, no pós-revolução de 30*. Natal: Coleção Mossoroense, 2004, p. 06.

administração do interventor Mário Câmara. “Então fui responsável pelo fechamento do jornal, pelo exílio do Dr Eloy de Souza [Diretor] Dinarte [Proprietário] e de Gentil [Redator-Chefe], por conta desse artigo”.¹⁹

Este episódio marca, portanto, o início da carreira precoce do então jornalista mirim, no cenário político potiguar.

Nas eleições de 1934 concorreram além do Partido Popular e da Aliança Social, dois novos partidos: a Ação Integralista Brasileira (AIB) e o Partido da União Operária e Camponesa do Brasil (PUOC), que passaram a propagar novas idéias políticas especialmente entre as camadas médias urbanas e o operariado.

No final das eleições, o Partido Popular se saiu mais uma vez vitorioso elegendo 14 deputados constituintes estaduais, três deputados federais, dois senadores e Rafael Fernandes Gurjão, membro de uma poderosa família de Mossoró e proprietário de terras e de salinas, como governador do Estado. A Aliança Social elegeu onze deputados estaduais e dois federais. Já a AIB e a PUOC, não elegeram candidatos. Com isso os tradicionais grupos agrários retomaram o poder estadual.²⁰

No início da década de 1940, Aluizio Alves é convidado para trabalhar como repórter e posteriormente como redator do jornal “A República”. Durante o período em que trabalhou no “A República”, Aluizio Alves se envolveu num projeto político de maior relevância, se propondo a organizar uma campanha de assistência aos flagelados da seca de 1942. “Fiquei na ‘A República’, e ai comecei a minha preocupação pelos problemas sociais”.²¹

¹⁹ LYRA, Carlos. *Memória viva de Aluizio Alves*. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 1998, p. 14.

²⁰ MONTEIRO, Denise Mattos. *Pão, Terra e Liberdade x Deus, Pátria e Família: as lutas sociais e a evolução política no Rio Grande do Norte, no pós-revolução de 30*. Natal: Coleção Mossoroense, 2004, p. 14.

²¹ LYRA, Carlos. *Memória viva de Aluizio Alves*. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 1998, p. 42.

Ao organizar a campanha de assistência aos flagelados da seca, Aluizio Alves teve seu nome pela primeira vez envolvido em um acontecimento político de maior importância.²² Depois tornou-se diretor do Serviço Estadual de Reeducação e da LBA (Legião Brasileira de Assistência) no estado, de 1943 a 1945. Nesse período, esteve envolvido em quase todos os projetos de assistência social no estado, como por exemplo: a criação do Instituto Padre João Maria e a organização do Abrigo Juvino Barreto.

Ao mesmo tempo, tornava-se popular através de dois programas de rádio que apresentava na Rádio Educadora de Natal: o “Glória Brasil”, dedicados aos pracinhas que lutavam na Itália e a “Oração Ave Maria”, transmitido diariamente às 18 horas. Graças ao programas de rádio e a utilização de práticas de cunho puramente assistencialistas e imediatistas, Aluizio obteve grande impacto nas camadas populares e começou a conquistar prestígio junto ao eleitorado, que o elegeu deputado federal em 1946 pela UDN (União Democrática Nacional), dando início assim a sua carreira política.

2.2- Atuação na Câmara Federal

Com o fim do Estado Novo, Aluizio Alves concorre, em 1946, a uma vaga de deputado federal pela UDN, apenas para preencher uma das vagas oferecidas pelo partido. Mas surpreendentemente foi eleito com cerca de 6.000 votos.²³ Era o mais jovem deputado constituinte, com 24 anos. Aluizio Alves permaneceria na Câmara por mais três mandatos

²² LINS da SILVA, Carlos E. *Em busca do voto perdido: os meios de comunicação na tentativa de restaurar um pacto populista*. Natal: COOJORNAT, 1982, p. 24.

²³ TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *Aluizio Alves: populismo e modernização no Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2004, p. 69.

consecutivos: 1950, 1954 e 1958, sempre com votações expressivas, conquistando seu espaço definitivamente no cenário político do estado.

Aluízio Alves teve uma atuação de destaque na Câmara Federal. Em seu primeiro ano de mandato teve participação ativa na constituinte. Ocupou várias vezes a tribuna da Câmara para falar sobre a situação calamitosa do Rio Grande do Norte e para solicitar ajuda a projetos de assistência social, encabeçados pela LBA.²⁴ Durante os trabalhos da constituinte, foi secretário da bancada federal e participou da comissão formada para solucionar o problema da greve dos operários da Light (Companhia de Luz).

Com a promulgação da nova constituição brasileira, em 18 de setembro de 1946, Aluízio Alves passou a exercer mandato ordinário, onde formulou o projeto da lei orgânica da Previdência Social, que só seria aprovado no segundo governo Vargas (1951-1954).

Em maio de 1948 passou a ser membro da Comissão Permanente de Legislação Social da Câmara dos Deputados, tendo integrado também a Comissão de Inquéritos sobre a arrecadação e aplicação das rendas dos Institutos de Previdência. Ocupou ainda, durante seu primeiro mandato, a secretaria geral da UDN no Rio Grande do Norte.

Apesar da pouca idade e da inexperiência, Aluízio Alves teve uma participação destacada na constituinte, com trabalhos sempre voltados para a área social o que lhe rendeu as reeleições em 1950, 1954 e 1958.

Eu não estava preparado, sinceramente, para participar da Assembléia Nacional Constituinte, eu era candidato a deputado estadual (...) Como eu não estava preparado para abordar ou para acompanhar todos os temas, a única participação que eu podia ter, era na área social, porque eu levava a experiência daqui, uma experiência casual [se referindo a organização e participação da campanha de assistência aos flagelos da seca de 1942 em Natal] (...) Empolguei-me pelos assuntos sociais e levei essas experiências e alguns dos artigos que estão na Constituição de 46, proteção à maternidade, à infância, proteção ao menor abandonado,

²⁴ PEREIRA, Henrique Alonso Rodrigues. *O homem da esperança: uma experiência populista no Rio Grande do Norte (1960-1966)*. Dissertação de Mestrado. Recife: Departamento de História, 1996, p 41.

foram artigos redigidos por mim. E depois da constituição elaborada, eu tentei engessar a Assembléia Ordinária em que se converteu em assuntos sociais, e daí resultou a elaboração da Lei Orgânica da Previdência”²⁵

Em 1950 foi reeleito deputado federal, novamente pela UDN. Durante esta nova legislatura, que foi de 1951 a 1955, participou das comissões de Legislação Social, Finanças e Orçamentos e do Polígono das Secas. Destacou-se pelo estudo que realizou sobre o problema da seca no Nordeste e ainda em seu segundo mandato, em 1953, ocupou o cargo de líder da UDN na Câmara.

Voltou a se reeleger deputado federal, mais uma vez pela UDN, em 1954, recebendo a maior votação da sua legenda. Neste mandato foi enviado para Genebra, em 1956, onde atuou como observador parlamentar na Conferência Internacional do Trabalho. Dois anos depois, em 1958, tornou-se vice-líder da UDN e Secretário Geral do Diretório Nacional, onde atuou até 1961.

Em 1958 obteve mais uma reeleição pela UDN, obtendo a maior votação do estado no pleito, conseguindo mais de 23 mil votos. Neste ano Aluizio apresentou um projeto para a criação do “Crédito de Emergência”. Este projeto, transformado na lei 3.471 em 28/11/1958, foi um dos carros chefes de sua campanha para governador do estado em 1960.²⁶

Paralelamente a carreira política, Aluizio Alves continuou seguindo a carreira de jornalista. Em 1949 junto com Carlos Lacerda, Aluizio Alves ajudou a fundar o jornal carioca “A Tribuna da Imprensa”; um dos principais jornais de oposição no final do

²⁵ LYRA, Carlos. *Memória viva de Aluizio Alves*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 1998, p. 80-81.

²⁶ PEREIRA, Henrique Alonso Rodrigues. *O homem da esperança: uma experiência populista no Rio Grande do Norte (1960-1966)*. Dissertação de Mestrado. Recife: Departamento de História, 1996, p 41.

governo Dutra e durante os governos Vargas, Nereu Ramos (interino) e João Goulart; onde foi redator-chefe de 1949 a 1958.

Em 1950, Aluizio Alves fundou no Rio Grande do Norte, o seu próprio jornal “A Tribuna do Norte”, que tinha como propósito inicial à divulgação das idéias e posições de seu partido, a UDN.

2.3- “O governo da esperança”

Antes de adentrarmos na campanha que elegeu Aluizio Alves governador e nas realizações do seu governo faz-se necessário, primeiramente, entendermos o contexto político-social do período que proporcionou o cenário propício para a vitória de Aluizio Alves.

Na década de 1960, o Brasil passava por uma grave crise política intensificada pelo conflito ideológico esquerda versus direita, com radicalismo em ambos os lados. Dentro desse quadro, destacava-se o antagonismo entre as forças nacionais (comunistas) e as forças conservadoras (entreguistas), com as participações ativas de políticos, operários e estudantes. As constantes crises políticas vividas pelo país refletiam e deixavam profundas marcas, principalmente na região Nordeste que vivia uma grave crise econômica. O clima de descontentamento popular se refletiu na região, sobretudo no processo político com grandes vitórias conquistadas pela oposição durante o período compreendido entre 1956 e 1962.

No caso específico do Rio Grande do Norte as eleições de 1960 ocorreram numa expressão de crise do domínio oligárquico do estado que favorecia a implantação do populismo. Tal conjuntura faz supor que o processo de industrialização em parte

influenciada pela criação da SUDENE, em 1959, como também o rápido crescimento populacional urbano e, mais especificamente de Natal, tinha demandado essa nova realidade histórica.²⁷

Nesse contexto, o populismo consegue se implantar no Rio Grande do Norte no momento de crise da política oligárquica estadual em meio às aspirações das camadas populares. Nesse momento, Aluizio Alves surge como figura populista norte-rio-grandense capaz de mobilizar grande parte da população estadual com um discurso forte e uma proposta de governo que ia de encontro com as aspirações da população.



Aluizio Alves representou a figura de um líder populista, na medida em que nas eleições de 1960, tornou-se porta voz desses setores populares emergentes. Sua candidatura ao governo do Rio Grande do Norte conseguiu obter um número significativo de adesões. Conseguiu o apoio dos sindicatos rurais, do movimento nacionalista, de Djalma Maranhão (liderança nacionalista de grande expressão na capital) e até dos comunistas, que atuavam na ilegalidade.²⁸

Portanto, Aluizio Alves, que era ligado originalmente aos setores oligárquicos, demonstrou nas eleições de 1960 a força modernizadora como também a nova mentalidade que se tentava impor no Nordeste. Assim, como em vários outros estados do Brasil, o populismo conseguiu se instalar no Rio Grande do Norte como estilo de governo, atendendo as pressões populares.

A campanha política de 1960 que elegeu Aluizio Alves governador foi uma das mais disputadas e ao mesmo tempo apaixonadas que o Rio Grande do Norte já viveu.²⁹ Foi também histórica para a política potiguar, pois nela pela primeira vez se utilizou uma

²⁷ TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *Aluizio Alves: populismo e modernização no Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2004, p. 101.

²⁸ PEREIRA, Henrique Alonso Rodrigues. *O homem da esperança: uma experiência populista no Rio Grande do Norte (1960-1966)*. Dissertação de Mestrado. Recife: Departamento de História, 1996, p. 16.

²⁹ LIMA, José Ayrton de. *Da brejeira ao rabo de palha: uma história dos governos do Rio Grande do Norte*. Natal: Cooperativa dos Jornalistas de Natal, 1986, p. 79.

empresa de publicidade no pleito e também por ter representado a vitória do grupo que se dizia representar a força do novo, do popular, que iria romper com o atraso, com as lideranças políticas conservadoras.

A campanha de Aluizio Alves, na busca pelo governo, desenvolveu-se num clima de muita agitação política, como também atingiu o clima de paixão jamais visto no Rio Grande do Norte (...) Aluizio Alves nesse sentido foi um inovador. Além de se comunicar muito bem com o seu eleitorado, utilizou todos os recursos disponíveis que estavam ao seu alcance para torna-s e o mais conhecido possível da população norte-riograndense.³⁰

Na campanha, Aluizio saiu candidato pelo PSD (Partido Social Democrático), grande inimigo ideológico da UDN a nível nacional, numa coligação composta por setores dissidentes da UDN, pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), pelo PDC (Partido Democrático Cristão), e pelo PTN (Partido Trabalhista Nacional), que foi denominada de “Cruzada da Esperança”.

Aluizio Alves se fazia representar como uma liderança política que romperia com o atraso econômico e com as lideranças políticas conservadoras, patrocinadoras desse atraso. Entretanto era justamente nessas lideranças e, mais precisamente a oligarquia algodoeiro-pecuária que se localizava a sua origem política.

Para construir essa nova imagem, Aluizio Alves contou com uma importante arma de grande poder de persuasão entre as massas, contratou uma empresa de publicidade para ser responsável pela estratégia propagandística de sua campanha. Com isso, Aluizio Alves passou a contar com o apelo “moderno” da técnica publicitária para com mais facilidade, e usando das artimanhas dos profissionais da comunicação de massas, convencer a população

³⁰ DIAS, Ana Patrícia. *Eleição de marketing político*. In: *Sociência – Revista da graduação em Ciências Sociais/UFRN*. Departamento de Ciências Sociais. v. 1, n. 1 (jul./dez. 1998). Natal: PET, p. 5.

de que realmente representava a esperança de mudança, pois a empresa de publicidade se encarregava de assegurar essa nova imagem política.

A referida empresa elaborava a propaganda e sugeria atitudes e comportamentos, baseadas em pesquisas de opinião pública, que os candidatos a governador e vice-governador deveriam seguir. O complemento nasceria da criatividade e da intuição do próprio Aluízio.³¹

A participação de uma empresa de publicidade na campanha eleitoral de um político nunca ocorrera antes na história do Rio Grande do Norte, tendo sido Aluízio Alves nas eleições de 1960 o responsável por essa inovação.³²

Os discursos inflamados proferidos por Aluízio Alves em seus comícios foram outra marca característica da sua campanha. Neles ele intensificava a sua imagem de redentor do povo sofrido, único representante da esperança dos fracos e desesperados. Esses discursos que emocionavam e empolgavam o povo foi mais uma inovação de Aluízio Alves, que se aclamava junto ao eleitorado não só como um líder, mas também como um herói.³³ Esse contato direto que ele tinha com o povo, através de comícios e passeatas, desempenhou uma função primordial na estratégia de comunicação da campanha e ajudou a construir uma imagem de “homem comum” do candidato.

Os meios de comunicação também foram importantes na construção da imagem de Aluízio Alves durante a campanha. Ele utilizou-se bastante de seu jornal “A Tribuna do Norte” como forma de divulgar ostensivamente a sua campanha e, especialmente o rádio, onde marcava presença em um programa que apresentava na emissora da Rádio Poty,

³¹ DIAS, Ana Patrícia. *Eleição de marketing político*. In: Sociência – Revista da graduação em Ciências Sociais/UFRN. Departamento de Ciências Sociais. v. 1, n. 1 (jul./dez. 1998). Natal: PET, p. 25.

³² PEREIRA, Henrique Alonso Rodrigues. *O homem da esperança: uma experiência populista no Rio Grande do Norte (1960-1966)*. Dissertação de Mestrado. Recife: Departamento de História, 1996, p. 56.

³³ Idem, p. 57-58.

intitulado “Conversa com o Povo”, e onde vazia menção aos comícios passados e proferia veementes discursos.³⁴

Em todas as divulgações da campanha de Aluizio Alves, a “esperança” e a cor verde tornaram-se símbolos para gestos e metáforas. Assim chamavam-no de “o candidato da esperança; o dia da eleição era “o dia da esperança”; o caminhão que carregava os eleitores para os comícios era “o caminhão da esperança”; e assim por diante.³⁵

Um dos momentos mais memoráveis da campanha de Aluizio foi a passeata feita a pé de Natal a Macaíba, que arrastou uma multidão conduzindo galhos de árvores verdes. Tal evento demonstrou a força da liderança que tinha Aluizio junto ao povo, fato que o faria um dos políticos mais influentes do estado nas décadas seguintes.

No fim da campanha Aluizio Alves se saiu vitorioso com 121.076 votos contra 98.195 votos do seu adversário Djalma Marinho.³⁶

Vencida a eleição Aluizio Alves assumiu o governo do Rio Grande do Norte no dia 31 de janeiro de 1961. No início da administração ele tentou manter o apoio dos grupos nacionalistas que o tinham apoiado. Porém graças a um convênio assinado com o governo norte-americano, que trouxe para o estado a campanha da “Aliança para o Progresso”, acabou havendo o rompimento entre Aluizio Alves e os grupos nacionalistas, que tinham como principal figura o então prefeito do Natal Djalma Maranhão. Com isso Aluizio Alves passa a reatar as velhas práticas da política conservadora e oligárquica, antes por ele condenadas.³⁷

³⁴ Idem, p. 60.

³⁵ Idem, p. 62-63.

³⁶ LINS da SILVA, Carlos E. *Em busca do voto perdido: os meios de comunicação na tentativa de restaurar um pacto populista*. Natal: COOJORNAT, 1982, p. 28.

³⁷ PEREIRA, Henrique Alonso Rodrigues. *O homem da esperança: uma experiência populista no Rio Grande do Norte (1960-1966)*. Dissertação de Mestrado. Recife: Departamento de História, 1996, p. 100.

O governo Aluízio Alves pretendia revolucionar a administração pública inovando e modernizando através de uma ação dinâmica, construindo as condições básicas para o desenvolvimento do estado. Porém, o seu governo tinha a consciência da verdadeira situação que se encontrava o estado: uma região atrasada, subdesenvolvida e totalmente despreparada para construir o seu desenvolvimento industrial.

Para enfrentar tal situação, o governo empregou um projeto de modernização incompatível com o nacionalismo populista, visto que desenvolveu estreita relação com os Estados Unidos.

No governo, Aluízio Alves buscou implementar uma mudança no modelo de desenvolvimento do estado, pois tinha consciência de que o subdesenvolvimento do estado acarretava a fragilização das elites locais, às quais ele pertencia. Nascido politicamente no seio das tradicionais oligarquias potiguares, Aluízio Alves desempenhou o papel de agente da modernização, modernização conservadora, diga-se de passagem, ciente de que ela era uma necessidade para a sua sobrevivência política. Assim, Aluízio criou as bases para o salto qualitativo no desenvolvimento econômico do estado, administrando com competência a transição do conservadorismo para a modernidade. Preocupado em gerir adequadamente e em formar uma boa geração de técnicos, o governador criou o Conselho Estadual de Desenvolvimento (CED), um importante órgão de planejamento econômico estadual, responsável pela implementação dos planos de atuação do governo e pela criação de uma elite de técnicos bem preparados, a sua maioria formada na CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina).³⁸

O Conselho Estadual de Desenvolvimento (CED) teve papel importante no que diz respeito ao planejamento econômico estadual, pois toda a atuação do governo seguia a sua orientação. Ele foi responsável pela elaboração dos projetos que depois se transformaram em medidas administrativas, tendo como efeito as principais realizações de seu governo: a criação da Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte (COSERN),

³⁸ TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *Aluízio Alves: populismo e modernização no Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2004, p. 193.

responsável pela distribuição da energia de Paulo Afonso; implantação da Companhia Telefônica do Rio Grande do Norte (TELERN), responsável pelo setor de telecomunicações; transformação do antigo Departamento de Água e Esgoto do Rio Grande do Norte na CAERN, que cuidaria do abastecimento e saneamento de água, entre outros.³⁹ As criações desses órgãos foram de importância vital no que se refere ao estabelecimento da infra-estrutura necessária ao desenvolvimento do estado.

A ajuda financeira dos Estados Unidos, graças aos recursos provindos da “Aliança para o Progresso”, permitiu ao governo Aluízio Alves implementar uma série de investimentos, dos quais podemos destacar ainda os programas de educação, e habitação popular.

O programa de educação previa a construção de 1.000 salas de aula no estado, dos Institutos Churchill, na avenida Rio Branco, e Kennedy, na avenida Jaguarari, treinamento de 4.000 professores e a implantação do projeto Paulo Freire de Alfabetização de adultos em 40 horas. O de habitação propunha a criação de um conjunto habitacional, a Cidade da Esperança, materializando fisicamente a simbologia criada na campanha.⁴⁰

A aplicação desses recursos, que sem sombra de dúvida trouxeram modernidade ao estado, tinha o seu preço, e Aluízio Alves tinha clara consciência dos objetivos pretendidos pela “Aliança para o Progresso” ao investir no Brasil.

O investimento da Aliança tinha duas faces distintas: modernizar as arcaicas estruturas econômicas nordestinas e barrar a “ameaça vermelha” que pretendia instalar o comunismo no país. Com isso, a aproximação do governo Aluízio Alves da “Aliança para o

³⁹ MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005, p. 341.

⁴⁰ TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *Aluízio Alves: populismo e modernização no Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2004, p. 203.

Progresso” significou o seu afastamento dos grupos de esquerda, com quem mantinha uma boa convivência no início do governo.

Dessa forma o governo foi aproximando-se cada vez mais das lideranças políticas da UDN; de onde Aluizio teve sua origem política e ideológica, rompendo definitivamente com os partidos que compuseram a “Cruzada da Esperança”. Com isso, Aluizio Alves rompe definitivamente com os movimentos populares, que o haviam elegido, adotando práticas clientelistas e oligárquicas.

Este passa a reprimir e perseguir movimentos reivindicatórios e manifestações coletivas, como no caso do movimento dos estudantes de Direito, em 1961, da greve dos trabalhadores da construção civil, em 1963, e da greve da Polícia Militar, no mesmo ano.

Na verdade essa face autoritária de Aluizio Alves ficou camuflada sob seu discurso esquerdista durante a campanha para governador, haja vista que, sendo um político dos quadros da União Democrática Nacional, a UDN, ele não mudaria suas posições ideológicas tão repentinamente como aconteceu, mais o que estava em jogo era o apoio à candidatura e a sua possível eleição para o governo do estado. Era necessário e urgente fazer alianças que lhe dessem sustentação e que o legitimassem como o candidato da mudança. O quadro para que Aluizio Alves se lançasse a tal proeza era extremamente favorável, pois o país vivia uma crise nos campos político-econômico-social e o povo estava ansioso por mudanças. A solução foi filiar-se a frente nacionalista.⁴¹

A repressão ao movimento estudantil foi decorrência da insatisfação do governador Aluizio Alves com um trote a ser promovido pelos estudantes da Faculdade de Direito e que conteria críticas aos procedimentos políticos e administrativos de sua gestão à frente do governo do estado. Foram acionados a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros, que agiram com violência para dispersar os estudantes, causando correria e confusão.

⁴¹ CASTRO, Wiara Marinho de. Entre História e Memória: uma análise sobre a produção historiográfica do governo Aluizio Alves. 2005. Monografia (Graduação em História) – UFRN, Natal, 2005, p. 17.

Saindo às 11:30 da Faculdade de Direito na Ribeira, o trote dirigia-se para a cidade alta quando, na altura dos escritórios da Força e Luz, na av. Junqueira Aires, os estudantes foram cercados por diversos carros da polícia, conduzindo cerca de 60 policiais, comandados pelo capitão Manoel Leão e que tinha ordem para impedir o prosseguimento da passeata. Imediatamente passaram a rasgar os cartazes, gerando correria e confusão.⁴²

Atitudes como essa também atingiram a greve dos trabalhadores da construção civil, em maio de 1963. Nessa ocasião, mais uma vez a força policial foi mobilizada. A sede do sindicato dos trabalhadores da categoria foi cercada pela polícia, que armada com metralhadoras e baionetas impediu a saída dos grevistas em passeata pelas ruas da cidade.

Ao mesmo tempo em que reprimia a manifestação dos grevistas, era feita pelo governo a distribuição de 1500 feiras (cestos com mantimentos) entre os grevistas, num gesto tipicamente manipulatório e vistas a confundir os trabalhadores em greve.⁴³

Ainda no mesmo ano ocorreu “o mais espetaculoso de todos os atos de repressão preparados pelo governo Aluizio Alves, antes de 1964”.⁴⁴ Desta vez o alvo foi a própria Polícia Militar que desencadeava uma greve.

A reivindicação principal era um aumento salarial da categoria. Ainda que reconhecendo como legítima a reivindicação dos policiais conforme a Mensagem Anual enviada à Assembléia Legislativa, em 21/09/1963: “O Governo do Estado admite que os militares não graduados e os graduados de escalão inferior, realmente, estão recebendo vencimentos insuficientes para garantir a sobrevivência em condições satisfatórias”,

⁴² ARAÚJO SILVA, Justina Iva de. *Estudantes e política: estudo de um movimento (RN 1960-1969)*. São Paulo: Cortez, 1989, p. 67.

⁴³ GERMANO, José Willington. *Lendo e aprendendo: a campanha de pé no chão*. São Paulo: Cortez, 1991, p. 63.

⁴⁴ TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *Aluizio Alves: populismo e modernização no Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2004, p. 219.

Aluizio Alves mandou reprimir duramente o movimento grevista, com o auxílio das forças militares federais, Marinha, Exército e Aeronáutica.⁴⁵

Diante desses fatos podemos perceber que o autoritarismo, uma das faces do governo Aluizio Alves ainda pouco conhecida do público, manifestou-se muito antes da sua adesão ao golpe militar de 1964.

Depois de deflagrado o golpe militar de 1964, as autoridades locais, especificamente as figuras do Prefeito e do Governador, assumiram posições divergentes.

Uma vez instaurado o golpe e chegando as primeiras informações do sul do país, as duas autoridades se manifestaram. O prefeito Djalma Maranhão, que até então, exercia uma administração democrática, popular e de oposição às ameaças do imperialismo americano; com uma administração que dava grande ênfase na alfabetização e na conscientização político-cultural da população, nitidamente expressa na campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, manifestou apoio contrário ao golpe e em defesa da legalidade e legitimação; ou seja, apoiou a permanência do presidente João Goulart, inclusive declarando em nota a seu jornal Folha da Tarde que a prefeitura do Natal seria a partir de então “o quartel general da legalidade e da resistência”.

Aluizio Alves decidiu, também em nota, assumir uma posição de vigilância, demonstrou estar atento aos acontecimentos e pediu a população tranqüilidade, passividade, evitando manifestações. Ainda em nota, seguindo o ideário de “ordem e progresso”, lembrou que a solução para os problemas se daria de maneira pacífica e democrática e ainda o respeito às forças armadas.

⁴⁵ PEREIRA, Henrique Alonso Rodrigues. *O homem da esperança: uma experiência populista no Rio Grande do Norte (1960-1966)*. Dissertação de Mestrado. Recife: Departamento de História, 1996, p. 127.

Um dia depois de deflagrado o movimento golpista, o governo do estado declara seu apoio ao golpe militar e às forças armadas. O governo recebe ainda a concessão de organizar seu próprio instrumento de investigação e prisão, ou melhor, de perseguição e tortura.

Para estas atividades, que funcionavam paralelamente à das forças armadas, foi instaurado uma Comissão de Investigação, composta inclusive por policiais contratados em Pernambuco, especializados na perseguição a supostos subversivos. Utilizou-se de táticas de interrogatório e tortura ensinados pelo FBI (Polícia Federal norte-americana) e usadas ainda pela polícia nazista.⁴⁶

A partir de então iniciou-se a fase de investigações, perseguições e prisões, comandada pela Comissão Geral de Investigações instalada pelos militares juntamente com a Comissão de Investigações formada pelo governador Aluizio Alves, que assumiu, juntamente com os militares, o poder da ditadura no estado. As duas comissões trabalharam paralelamente, armando assim, a maior rede de investigação policial militar de toda a história política do Rio Grande do Norte.⁴⁷

No dia 1º de abril, Djalma Maranhão publicou uma nota oficial, do governo municipal do Natal, concluindo com a seguinte palavra: “a legalidade é Jango!”. Nesse dia, o Exército invadiu a prefeitura, prendendo o líder sindical Elvin Medeiros, que foi levado para o 16 RI (16º Regimento de Infantaria). Era o primeiro preso político da ditadura no estado.

⁴⁶ GALVÃO, Mailde Pinto. 1964. Aconteceu em abril. Natal: Clima, 1984, p. 06.

⁴⁷ Idem, p. 06.

No dia 2 de abril foram presos o prefeito Djalma Maranhão e o seu vice, Luís Gonzaga dos Santos. Foram levados para o quartel general da Guarnição Militar de Natal. Ambos foram depostos dos seus cargos pelos militares, que os acusaram de comunistas.

A partir daquela tarde, a caça aos considerados subversivos foi desencadeada com o apoio militar semelhante aos vistos nos filmes que mostravam a perseguição nazista [...] Para efetuar a prisão de uma pessoa indefesa e amedrontada isolavam todo um quarteirão, evadiam as residências armados com fuzis e metralhadoras, revistavam todas as dependências, especialmente as bibliotecas, onde apreendiam os livros de acordo com os títulos. O ‘subversivo’ era, então, detido e levado sem explicações à família, que teria de sair procurando localiza-los nos quartéis.⁴⁸

Os vitoriosos consolidaram o movimento no Rio Grande do Norte, porém deixando profundas marcas no seio da família potiguar.

Por uma suspeita absolutamente infundada e sem sentido, invadiam as residências, prendiam pessoas e expunham as famílias ao vexame das investigações na vida pessoal e profissional. Perdia-se a privacidade, o direito de defesa e a estabilidade nos empregos.⁴⁹

A ação dos militares foi tão rápida que a população não esboçou sequer nenhuma tentativa concreta de resistência. As forças militares ocuparam, já na manhã do dia 1º de abril, os principais pontos da cidade e na noite do mesmo dia intervieram e dissolveram uma assembléia de estudantes e desfizeram o “QG da legalidade” instalado na prefeitura.

No dia 7 de abril, foi realizada a “Marcha da família com Deus, pela liberdade”, para comemorar a vitória do golpe militar. O novo governo municipal demitiu vários funcionários considerados perigosos, tais como: o professor Moacyr de Góes, da função de secretário da Educação; Omar Pimenta, da diretoria do ensino Municipal; Maílde Pinto, da

⁴⁸ Idem, p. 26-27.

⁴⁹ Idem, p. 40.



diretoria de Documentação e Cultura; Geniberto Campos, da diretoria do Ginásio Municipal.

Vários inquéritos militares foram instaurados, dos quais resultaram diversas prisões, como as de: Hélio Vasconcelos, Omar Pimenta, Moacyr de Góes, Vulpiano Cavalcanti, Luís Maranhão Filho, etc.

Ao invadir as casas dos ditos “subversivos”, os militares costumavam revistar os cômodos a procura de livros de “teor comunista”, que eram muitas vezes utilizados como prova material para incriminar os acusados de revolucionários comunistas. Nas prisões, eram muito utilizadas as táticas de tortura.

Apesar do clima de terror instalado na cidade, com as perseguições, prisões e torturas aos ditos “subversivos”, houve grande adesão da população natalense ao novo regime. O povo atendeu prontamente a convocação do governo e foram às ruas, em ocasião dos festejos realizados na cidade, para celebrar o golpe militar e homenagear as forças armadas.

O povo massificado atendeu, entusiasmado, a convocação do governo, cantou o Hino Nacional, aplaudiu e deslumbrou-se com as promessas de paz, progresso e salvação da pátria. Foguetões espocavam naquela tarde chuvosa.⁵⁰

A população comum não tinha uma idéia exata dos fatos que estavam ocorrendo no país. Deixaram-se levar pelos ideais propagados pelo novo governo, que prometia acabar com a crise no país e promover paz e prosperidade a seu povo.

Para legitimar o novo regime, os militares utilizaram-se de vários artifícios, como por exemplo, a exaltação aos símbolos da pátria (Hino e a Bandeira Nacional), e aos

⁵⁰ Idem, p. 42.

símbolos da moralidade (a Igreja e a Família). Vale ressaltar também o grande poder de persuasão que Aluízio Alves tinha perante o povo. Poder este devido em grande parte a influencia que ele exercia através dos meios de comunicação.

Ao manter-se em sintonia como o novo regime que se instaurava, Aluízio Alves conseguiu concluir o seu mandato frente ao governo, que terminou em 31 de janeiro de 1966, e, além disso, conseguiu fazer o seu sucessor, o monsenhor Walfredo Gurgel, que havia sido seu vice-governador e que fora eleito senador em 1962 com o seu apoio.

Com o fim dos partidos políticos, graças ao AI-2 (Ato Institucional número 2), decretado em 27 de outubro de 1965, Aluízio Alves filiou-se ao partido do governo, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), pelo qual candidatou-se a deputado federal em 1966, obtendo mais uma votação expressiva com quase 60 mil votos num eleitorado de pouco menos de 300 mil pessoas.⁵¹

A sintonia de Aluízio Alves com o regime militar teve o seu fim em 1969, quando este teve os direitos políticos cassados pelo AI-5 (Ato Institucional número 5), tendo como principal acusação atos de corrupção durante seu governo⁵², fato que perdurou até 1978.

Durante esse período, Aluízio Alves transferiu todo o seu esquema político para o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), partido da oposição criado por ocasião do AI 2. Nessa fase, a atuação política de Aluízio Alves se restringiu a sua participação nos bastidores políticos. Mesmo tendo uma participação restrita, Aluízio Alves conseguiu fortalecer a oposição no estado e influir na escolha dos governadores “biônicos”.⁵³

⁵¹ LINS da SILVA, Carlos E. *Em busca do voto perdido: os meios de comunicação na tentativa de restaurar um pacto populista*. Natal: COOJORNAT, 1982, p. 25.

⁵² Sobre esse assunto ver: LIMA, José Ayrton de. *Da brejeira ao rabo de palha: uma história dos governos do Rio Grande do Norte*. Natal: Cooperativa dos Jornalistas de Natal, 1986.

⁵³ TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *Aluízio Alves: populismo e modernização no Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2004, p. 231.

2.4- A volta ao cenário político

Em 1978, o presidente Geisel concedeu anistia a todos que haviam sido punidos pelo regime militar, sendo esta convertida em lei e aprovada pelo congresso no governo Figueiredo em agosto de 1979. Com isso Aluizio Alves retorna com toda a sua máquina política no período que coincidi com o fim do bipartidarismo.⁵⁴

Com a extinção da ARENA e do MDB, foram criados novos partidos para a disputa das eleições seguintes, tais como: o Partido Democrático Social (PDS), no lugar da ARENA; o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), no lugar do MDB; o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que volta ao cenário político brasileiro; o Partido Democrático Trabalhista (PDT); o Partido Trabalhista (PT) e o Partido Popular (PP), liderado por Magalhães Pinto e Tancredo Neves. Foram restabelecidas as eleições diretas para governador de estado, que foram realizadas em 1982.

No Rio Grande do Norte a campanha de 1982 marcou a volta e Aluizio Alves como candidato a uma eleição majoritária pelo PMDB, disputando a sucessão governamental, contra o ex-prefeito de Natal e filho de Tarcísio Maia (genitor da oligarquia Maia no estado), José Agripino Maia candidato do PDS.⁵⁵ Porém o velho Aluizio não pôde derrotar o jovem Agripino, que tinha a seu favor a máquina administrativa do estado na figura do então governador Lavoisier Maia. Aluizio foi derrotado por uma maioria de

⁵⁴ LINS da SILVA, Carlos E. *Em busca do voto perdido: os meios de comunicação na tentativa de restaurar um pacto populista*. Natal: COOJORNAT, 1982, p. 26.

⁵⁵ LIMA, José Ayrton de. *Da brejeira ao rabo de palha: uma história dos governos do Rio Grande do Norte*. Natal: Cooperativa dos Jornalistas de Natal, 1986, p.

aproximadamente 107 mil votos.⁵⁶ Em mais de 50 anos a vida pública essa foi a primeira e única derrota de Aluizio Alves nas urnas.

O retorno à vida pública de Aluizio se deu em 1985, quando assumiu o Ministério da Administração do Governo José Sarney, onde permaneceu até 1989. No ano seguinte lançou-se candidato a deputado federal, alcançando significativa votação obteve mais um mandato na câmara federal. Em 1992, licenciou-se para assumir o Ministério do Desenvolvimento Regional, no Governo Itamar Franco, onde permaneceu até 1994. Foi nesse período que apresentou o projeto da Transposição das Águas do Rio São Francisco. Em 1995 reelegeu-se deputado, novamente pelo PMDB, permanecendo na legislatura até 1998, quando decide parar de disputar cargos eletivos. Porém Aluizio Alves continuou fazendo política à frente da presidência do PMDB até 2005, quando foi afastado por problemas de saúde.

⁵⁶ MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005, p. 366.

III – O LEGADO DE ALUÍZIO ALVES

Aluízio descansa em paz: o ministro Aluízio Alves morreu ontem [dia 06/05/2006] às 14h55, de falência múltipla de órgãos. Parentes, amigos e correligionários choram perda do líder. Personalidades inclusive da oposição, destacam trajetória.⁵⁷

A comoção da esperança, Aluízio Alves morreu ontem às 14h55 depois de permanecer três dias na UTI do hospital São Lucas.⁵⁸

A esperança de luto: após três dias de agonia, morte cerebral de Aluízio Alves foi confirmada às 11h30 deste sábado. O mito deixa a cena política.⁵⁹

O maior protagonista da história do Rio Grande do Norte nos últimos 50 anos sai de cena e deixa um enorme vácuo no contexto político. A morte do líder Aluízio Alves, no sábado 6 de maio, aos 84 anos de idade, que desde cedo transcendeu os limites da política e alcançou o imaginário popular, trouxe de volta uma multidão às ruas de Natal, e estabeleceu uma constatação praticamente unânime – ninguém como ele despertou tanto amor, tanto ódio, e tanta crença de melhores dias neste Estado.⁶⁰

A morte de Aluízio Alves foi revestida de grande comoção social, tendo sido noticiada em grande parte da imprensa local e nacional.

Dezenas de pessoas se aglomeraram em frente ao hospital São Lucas desde de que souberam das primeiras notícias do estado de saúde do ex-governador. Eram familiares, políticos locais, amigos que prestavam condolências à família do ex-ministro, e, principalmente, pessoas comuns, gente do povo que ficaram em frente ao hospital, fazendo vigília, durante os dias em que ele esteve internado.

É comum quando um grande artista do cinema, da música, da televisão está acometido de doença grave que haja vários grupos de admiradores, “fãs”, fazendo vigílias à

⁵⁷ Diário de Natal edição do dia 07 de maio de 2006, edição especial, p. 01.

⁵⁸ Tribuna do Norte edição do dia 07 de maio de 2006, caderno especial, p. 03.

⁵⁹ Correio da Tarde edição do dia 06 de maio de 2006, p. 01.

⁶⁰ Revista Foco, www.revistafoco-rn.com/politica.htm, site acessado em 30/06/06.

porta do hospital. Porém como explicar que um político, que há quase dez anos deixou de disputar cargos eletivos; mas que continuava a fazer política como um dos líderes mais respeitados e influentes de seu partido, o PMDB; possa provocar tanta comoção popular? Aluizio Alves deixou de se eleger a cargos eletivos em 1998, quando encerrou seu último mandato público como deputado federal pelo PMDB, porém jamais deixou o cenário político.

O sentimento expressado por tantos populares só pode ser explicado se entendermos como esse político, que possui suas bases nas oligarquias tradicionais do estado, conseguiu tamanha penetração na vida das populações mais carentes que, conforme dissemos no capítulo anterior, era tido como herói, como o redentor, um mito que com sua morte foi cristalizada nas opiniões proferidas sobre o mesmo.

3.1-Aluizio pelos familiares e políticos

Os familiares de Aluizio ficaram bastante abalados com a perda do seu grande líder. Com a noticia da morte todos ficaram bastante comovidos. O senador Garibaldi Filho, cotado como sucessor político de Aluizio Alves, deu a seguinte afirmação: “O RN perdeu seu maior líder político dos últimos tempos. A obra política e administrativa repercutiu sobre várias gerações. Aqueles que o sucederam, terão uma árdua missão em função do que ele representou”.⁶¹ A irmã do ex-governador Madre Carmem Alves chegou a ressaltar a importância do ser humano Aluizio Alves: “Aluizio foi na família uma imagem de bom pai, bom filho, bom irmão, bom tudo. Aluizio era líder popular, mas sobretudo Aluizio era um homem bom, um homem de sentimentos bons”.⁶²

Em ocasião da morte de Aluizio, a então governadora do estado do Rio Grande do Norte Wilma de Farias profere uma opinião que exclui qualquer possibilidade de mácula na

⁶¹ Tribuna do Norte edição do dia 07 de maio de 2006, caderno especial, p. 03.

⁶² Diário de Natal edição do dia 08 de maio de 2006, edição especial, p. 08.

sua trajetória política: “Aluizio foi um líder nato. Jornalista de grande talento ingressou na política por vocação. Constituiu uma biografia que transcendeu nossos limites. Nesta hora, não á lugar para antagonismos”.⁶³

Este mesma linha de opinião, que mistifica a trajetória de homem público de Aluizio, também foi expressa pelo ex-senador Geraldo Melo: “Enquanto vivo, Aluizio Alves foi um monumento. Morto, ele é um marco na história do Rio Grande do Norte. Um exemplo de obstinação, coragem e doação de si próprio”.⁶⁴

Afora a idéia de uma trajetória imaculada temos ainda opiniões, estas quase que unânimes, apontando Aluizio como a maior liderança do Estado de todos os tempos e a construção da imagem de herói.

Desaparece o maior homem público do Rio Grande do Norte. Um político que foi ministro duas vezes e de dois governos diferentes. Ele é uma lenda na política do Rio Grande do Norte.⁶⁵(Alexandre Cavalcanti – deputado estadual)

O sentimento neste momento é de solidariedade e tristeza. O ministro Aluizio Alves foi protagonista da política do RN. Ele foi o principal ator político nas últimas décadas.⁶⁶(Fátima Bezerra – deputada federal)

Aluizio foi o último de uma geração e talvez dessa geração tenha sido o que mais longe conseguiu ir. O Rio Grande do Norte perde o seu símbolo que é Aluizio Alves. O homem que morreu líder (...) Era um adversário terrível e eu testemunhei isso (...) era um apaixonado pelo Estado. Tinha uma legião intensa de amigos, que hoje vieram lhe render homenagem especial⁶⁷. (José Agripino - senador)

A citação da Deputada Fátima Bezerra, representante do PT, a nível local, vem da tentativa de mostrar uma unanimidade nas opiniões sobre Aluizio Alves. O senador José Agripino foi o único a comentar, nas entrelinhas, um perfil levemente diferente da grande

⁶³ Tribuna do Norte edição do dia 07 de maio de 2006, caderno especial, p. 03.

⁶⁴ Diário de Natal do dia 07 de maio de 2006, edição especial, p.11.

⁶⁵ Tribuna do Norte edição do dia 08 de maio de 2006, caderno especial, p.12.

⁶⁶ Tribuna do Norte edição do dia 08 de maio de 2006, caderno especial, p.12.

⁶⁷ Tribuna do Norte edição do dia 08 de maio de 2006, caderno especial, p.19.

maioria. Em relação à expressão “era um adversário terrível” o senador referiu-se principalmente às eleições para governo do estado em 1982 quando este derrota Aluizio Alves, iniciando assim um grande “duelo” político entre as famílias Alves e Maia, que a partir de então passaram a se revezar no poder do estado. Todavia Agripino acaba perdendo as eleições para governador em 1994, não para Aluizio Alves, mas para o sobrinho Garibaldi Alves Filho, apontado por muitos como o seu sucessor político, mostrando que em política não se vence eternamente. No depoimento de José Agripino é forte ainda o apelo de construir uma imagem de forte penetração popular. Opinião presente em tantas outras declarações:

Ele foi o maior líder popular e político do Rio Grande do Norte. Um homem de qualidades excepcionais.⁶⁸ (Carlos Eduardo – prefeito de Natal)

Ele deixa a imagem de um líder popular, que teve toda sua vida dedicada à política e à população do Rio Grande do Norte. Aluizio Alves foi um exemplo para o Brasil.⁶⁹ (Hemano Moraes – vereador de Natal).

Lamento o falecimento de Aluizio Alves. Perdeu-se um político, um grande homem que usou a política para servir à população⁷⁰. (Geraldo Alkimin – candidato do PMDB à presidência)

Dessa forma podemos perceber nos discursos proferido a imagem do político ligado ao povo foi fortemente destacada.

Aluizio Alves, mesmo tendo se afastado da vida pública, por não possuir mandato público, continuava a com a “política no sangue”. Ao menos foi esta a imagem passada nos jornais, mostrando uma vida ativa até os últimos dias.

⁶⁸ Tribuna do Norte edição do dia 08 de maio de 2006, caderno especial, p.08.

⁶⁹ Tribuna do Norte edição do dia 08 de maio de 2006, caderno especial, p.08.

⁷⁰ Tribuna do Norte edição do dia 08 de maio de 2006, caderno especial, p.08.

É de domínio não oficial, mas muito conhecido nas rodas de discussão de que o ex-ministro Aluizio Alves já possuía uma saúde debilitada, e, condizente com sua idade avançada, já estava sofrendo fortemente as limitações impostas pela doença.

Segundo estas mesmas fontes, o ex-ministro não mais possuía condições de participar de eventos públicos e de participar de discussões prolongadas. Mas conforme a afirmação na matéria que tem por título “Lideranças exercida até os últimos momentos: Senadores destacam a capacidade mantida por Aluizio de influir na política e lembram que ele chegou a fazer sugestões a Geraldo Alckimin, há quinze dias, na visita do pré-candidato a Presidência a Natal”, Aluizio Alves manteve-se no seio da política até os últimos momentos de sua vida:

Até o último momento dos seus 84 anos de vida, o ex-ministro Aluizio Alves fez história. O pensamento comum de políticos e eleitores e que ele foi um dos grandes líderes do Rio Grande do Norte e também pacífica é a idéia de que Aluizio Alves exerceu a liderança que lhe era peculiar até último ano de sua vida. Quinze dias antes de morrer, Aluizio recebeu em sua casa o pré-candidato a presidente da República, Geraldo Alckimin. Na visita, longe de assuntos amenos, ele tratou de política. Os familiares e amigos são unânimes ao afirmar que o ex-ministro continuava se preocupando e se inteirando da política.⁷¹

Todos os depoimentos dos familiares e políticos sejam aliados ou adversários, vistos nos jornais, convergiram na construção de uma imagem e trajetória política positiva, heróica de Aluizio Alves, ou seja, todos eles afirmam que o mesmo deixou um legado de desenvolvimento político-administrativo na História do Rio Grande do Norte, e que a sua morte abre uma lacuna na política local difícil de ser preenchida.

⁷¹ Tribuna do Norte edição do dia 08 de maio de 2006, caderno especial, p.07.

3.2- Aluizio pelo povo

Dando continuidade as visões construídas sobre Aluizio Alves, buscaremos nesse momento o depoimento de populares que nos relataram de que maneira a imagem de Aluizio Alves ficou marcada na memória coletiva.

Como dito anteriormente a morte de Aluizio Alves provocou grande comoção social tanto no enterro, que foi marcado por um grande cortejo que saiu em carreta passando por vários pontos da cidade, quanto no velório realizado no Palácio Potengi, que já se chamou Palácio da Esperança durante o governo Aluizio Alves.

Filas foram formadas por populares que passaram a noite esperando o momento de prestar sua última homenagem ao ex-ministro. Os depoimentos da “gentinha” foram estimulados pelos jornais e pela mídia televisiva:

Quando eu era criança acompanhava minha mãe nas passeatas. Ganhei muitos presentes de Aluizio. Ele trouxe muitas coisas boas para o Estado e na minha família ajudava minha mãe com remédios e alimentação⁷² (Joana D’Arc Auxiliar de Serviços Gerais)

Ao longo da campanha de 1960 Aluizio Alves acabou criando alguns símbolos que representavam a sua figura. Um dos maiores é o polegar estendido que acabou se tornando um símbolo que identificava todos os “bacuraus”, ave típica do sertão nordestino que acabou sendo usado como nome de referência aos membros e simpatizantes do PMDB.

Outro símbolo de Aluizio Alves era o lenço verde, que simboliza a cor da esperança, que na ausência deste poderia ser substituído por qualquer coisa que fizesse referência a cor, como os galhos das árvores.

⁷² Tribuna do Norte edição do dia 07 de maio de 2006, caderno especial.



A palavra “esperança” virou o bordão e o grande símbolo de sua campanha para governador do Rio Grande do Norte de 1960, e acabou rendendo a Aluizio o apelido de o “Homem da Esperança”.

As passeatas que Aluizio Alves realizava nesta mesma campanha eram intituladas de “Marcha da Esperança”, que acabou virando letra de musica, aliás, uma das músicas de campanha que ficaram mais marcadas na memória popular e que foram mais lembradas ao fundo das matérias produzidas pela TV Cabugi após a morte do ex-governador:

“Marcha da Esperança”

Aluizio Alves veio do sertão lá do Cabugi.
 Pra sanar o sofrimento de seu povo.
 Sua plataforma eis aqui:
 Assistência e cuidado ao agricultor,
 Melhores salários pro trabalhador,
 Com a energia de Paulo Afonso, industrialização.
 Pra mocidade potiguar saúde e educação
 O povo oprimido, do operário ao doutor,
 Escolheu seu candidato, Aluizio Alves governador.⁷³

Através dos depoimentos dos populares podemos perceber que as campanhas de Aluizio Alves ainda estavam vivas na memória da população, em especial a de 1960. “... outras duas correligionárias que se anteciparam ao início do velório foram Marlete Fernandes Amorim, 62; e Tânia Fernandes, 63. Elas sempre admiraram o político e chegaram a participar da campanha de 1960. Marlete Amorim gostava tanto do “cigano” que confeccionou uma roupa especial para a campanha. A iniciativa acabou dando a ela um apelido: “a cigana de Aluizio”⁷⁴.

O apelido “cigano” era mais um dos bordões da campanha de 1960 que também virou letra de música:

⁷³ PEREIRA, Henrique Alonso Rodrigues. *O homem da esperança: uma experiência populista no Rio Grande do Norte (1960-1966)*. Dissertação de Mestrado. Recife: Departamento de História, 1996, p. 157.

⁷⁴ Tribuna do Norte, edição de 07 de maio de 2006, caderno especial, p.04.

“Cigano Feiticeiro”

Cigano feiticeiro, teu feitiço me pegou.
 Aqui, neste lugar, todos você já conquistou.
 Pela primeira vez que você veio ao sertão,
 Apresentou uma alei e conseguiu execução.
 Cigano feiticeiro, feiticeiro ai meu Deus.
 Eu faço tudo, tudo pelo governo seu.
 O eleitor, o que deve fazer?
 É virar cigano, e votar com você.
 E o adversário que lhe caluniou,
 E lhe chamou cigano, seu prestígio aumentou.
 Pelo voto secreto lhe daremos posição,
 E a essa oligarquia quem responde é a eleição
 Cigano feiticeiro, cigano feiticeiro.⁷⁵

A Lei da qual a letra da música se refere diz respeito ao projeto que Aluizio Alves, então deputado federal, apresentou para criação do “Crédito de Emergência” em 1958. Ano em que o estado enfrentava uma forte seca. O projeto foi transformado na Lei 3.471 em 28/11/1958, sendo um dos carros chefes da campanha que o elegeu governador do Rio Grande do Norte em 1960.

Aluizio Alves e os seus coordenadores da campanha de 1960 conseguiam de uma maneira genial converter as ofensas e rótulos feitos pelos seus adversários em símbolos a favor de sua campanha. Um bom exemplo de sua maestria foi a ofensa feita por seu adversário na campanha de 1960, Djalma Marinho, de que os correligionários de Aluizio eram “gentinha”. A ofensa foi capitalizada pelos coordenadores da campanha, e transformada em bordão de campanha de Aluizio Alves.

“A gentinha dá adeus ao cigano” é título de abertura da matéria que noticia a passagem do cortejo fúnebre pelas ruas de Natal.

A gentinha de Natal saiu às ruas ontem, uma última vez, para dar adeus ao cigano feiticeiro. Do Palácio da Cultura, de onde saiu o cortejo com o

⁷⁵ PEREIRA, Henrique Alonso Rodrigues. *O homem da esperança: uma experiência populista no Rio Grande do Norte (1960-1966)*. Dissertação de Mestrado. Recife: Departamento de História, 1996, p. 158.

corpo de Aluízio Alves até a entrada do Cemitério Morada da Paz, em Emaus - por todos os bairros onde passou – o carro que transportou o caixão foi salgado por pessoas com ramos e bandeiras verdes. Foi uma despedida. Mas pareceu uma recepção, uma repetição da época que Aluízio encantou o Estado.⁷⁶

O depoimento a seguir, retirado do site da Tribuna do Norte na sessão de cartas dos leitores que comentaram a morte de Aluízio Alves, se revela bastante interessante no que diz respeito a construção da imagem de Aluízio Alves no seio da população potiguar.

Dr Aluízio, Aluízio Alves, Lulu, o cigano (...) Não importe como o chamam. O importante é que ele permanecerá vivo, e será lembrado sempre que se falar de luta, de liberdade, de identificação com o povo, de contestação a estereótipos. Todos nós somos apenas a nossa própria história. Aluízio é mais que isso. É seguramente o pilar mais concreto da história do Rio Grande do Norte construída nos últimos 60 anos. E isso é fato, não morre, não será esquecida, mas está aí de ensaio à filosofia política das gerações atual e futura (...)⁷⁷. (Narciza)

O depoimento da popular sintetiza bem a imagem que o ex-governador construiu na memória coletiva da população natalense. O professor da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) José Lacerda Felipe afirma a respeito de Aluízio Alves que “na política e no seu discurso sobre o lugar e as possibilidades da sua sociedade de superar os seus limites, evoca-se imagens, representações, símbolos, ação que exerce por sinais capazes de produzir coisas sociais e, sobretudo grupos (...) O apelo político de Aluízio Alves é fazer de sua causa a causa de todos os cidadãos norte-rio-grandenses. Para tanto convoca um exército - a Cruzada da Esperança - e reivindica o imaginário nacional-desenvolvimentista, o qual pregava a superação do atraso e da dependência através da

⁷⁶ Tribuna do Norte, edição de 08 de maio de 2006, caderno especial, p.03.

⁷⁷ Depoimento retirado do site www.tribunadonorte.com.br/noticiaprint.php?id=9457 acessado em 12 de maio de 2006.

industrialização. Esse imaginário vai ser batizado de esperança em um futuro melhor para o povo potiguar”.⁷⁸

Dessa forma podemos visualizar que o trabalho de marketing realizado na campanha de Aluizio Alves, em 1960, foi muito bem sucedido, haja vista que até os dias de sua morte, passados 46 anos da referida campanha, as pessoas ainda faziam referência, muito sem saber da sua origem, a símbolos estrategicamente criados por um trabalho genial.

A morte de Aluizio foi como que o último ato para a perpetuação na “história oficial” de uma imagem heroicizada do mesmo. Sendo a organização do Memorial uma prova concreta disso, lá não é contada a história o homem Aluizio Alves, que é suscetível de erros, mas sim a história do mito Aluizio Alves, que é imaculado e intocável.

A iniciativa para construção do Memorial Aluizio Alves foi tomada por parte da própria família Alves pouco tempo antes do falecimento do ex-governador. Um prédio situado em frente à TV Cabugi abriga um vasto acervo de objetos pessoais, fotografias, discursos, materiais de campanha recolhidos entre os familiares e os populares.

Para a construção do Memorial Aluizio Alves, foi elaborada uma grande campanha com ampla divulgação na TV, no rádio e nos jornais para doação de material para compor o acervo. A idéia foi ótima para futuros estudos sobre este importante capítulo na história local, pois lá encontra-se reunido farto material que pode ser utilizado para trabalhos escolares e universitários. Porém a organização do memorial já revela o forte interesse por parte da família Alves em preservar uma imagem mistificada de Aluizio e ao mesmo tempo passar essa imagem para a sociedade e para as gerações futuras.

⁷⁸ Tribuna do Norte, edição de 07 de maio de 2006, caderno especial, p.10.

3.3- Os que não foram ouvidos

Um fato importante e que merece uma colocação é que em nenhuma das matérias publicadas a respeito da morte a Aluizio Alves houve referência da atuação do mesmo, frente ao governo do estado, em ações repressivas nem antes e muito menos durante o regime militar.

Depoimentos como a da professora Maílde Galvão, mostrando um Aluizio autoritário, que conseguiu organizar um aparelho local de repressão, perseguição e tortura durante o regime militar, passaram por despercebidos, ou foram simplesmente apagados pela “memória oficial”, aquela que é construída pelos vencedores que geralmente ocupam o poder. Michael Pollak classifica esses discursos de “memórias subterrâneas” que, por fazer parte das culturas minoritárias e dominadas se opõem a “memória oficial”.⁷⁹

⁷⁹ Para saber mais sobre o assunto ver POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento e silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

CONCLUSÃO

A memória não é só fenômeno de interiorização individual, ela é também e, sobretudo, uma construção social e um fenômeno coletivo. Sendo uma construção social, a memória é, em parte, modelada pela família e pelos grupos sociais.

A memória individual se estrutura e se insere na memória coletiva, e esta, por sua vez, é um elemento fundamental na compreensão do fenômeno da memória. De fato, como demonstra Halbwachs, nossas lembranças se fortificam graças às narrativas coletivas que, por sua vez, se reforçam por meio das comemorações públicas de acontecimentos que marcaram a história coletiva.

Dessa forma, a constituição da memória envolve diversas batalhas simbólicas pela apropriação de eventos, de feitos do passado que devem ser lembrados assim como a demarcação daqueles que devem ser esquecidos. O mesmo acontece em relação aos homens que devem ser considerados heróis e que merecem ser incluídos em uma galeria que compõe as grandes personalidades da história. Cada época constrói sua memória e seus heróis que, muitas vezes, se contrapõe à imediatamente anterior.

Assim sendo, a imagem que fica de Aluízio Alves, principalmente aquela cristalizada pela “memória oficial”, é a imagem de um grande homem público, do governante do povo, aquele que inaugurou o populismo no estado, o introdutor do “marketing” eleitoral, enfim, de uma das maiores lideranças política que o Rio Grande do Norte já produziu em todos os tempos.

Na construção dessa imagem é de fundamental importância a participação dos meios de comunicação. Como jornalista, Aluízio Alves se iniciou nos meios de comunicação, o que lhe deu a habilidade para extrair desses meios, os recursos que lhe

transformaram no maior ícone do populismo no estado e um dos grandes protagonistas da história do Rio Grande do Norte das últimas décadas.

Vale ressaltar ainda que a família Alves é proprietária, do que hoje representa, uma das maiores redes de comunicação do Nordeste: a Rede Cabugi de Comunicações; que engloba as redes de televisão, rádio e jornal; fundada pelo próprio Aluizio Alves e uma das grandes responsáveis pela propagação junto às massas dessa imagem heroicizada de Aluizio Alves que tem se cristalizado na memória coletiva, sobretudo após sua morte.

Ao estudar a trajetória de Aluizio Alves, observamos que ele é um personagem polêmico, que no decorrer de sua vida pública ora polariza setores de “direita”, ora de “esquerda”. Percebemos tal fato durante a campanha eleitoral de 1960, que o elegeu governador do Rio Grande do Norte. Nela Aluizio Alves se fazia representar como uma liderança política que romperia com o atraso econômico e com as lideranças políticas conservadoras, patrocinadoras desse atraso, porém, era justamente nessas forças políticas conservadoras, precisamente, na oligarquia algodoeiro-pecuária a genitora política de Aluizio Alves.

Aluizio Alves participou de várias fases da história contemporânea brasileira, da década de 1940 até os últimos anos do século XX, teve uma atuação política bastante diversificada. Foi deputado constituinte, deputado federal, governador, ministro de estado, líder partidário, sendo um dos fundadores do MDB e depois do PMDB, ou seja, foi um homem da política.

Aluizio Alves sai de cena e deixa um legado político bastante diversificado: foi ao mesmo tempo um dos políticos mais amados e odiados da história do Rio Grande do Norte. Amado por ter sido aquele que trouxe a modernidade para o estado, o defensor das causas

populares, o “homem da esperança”. Odiado por ter sido aquele que reprimiu, perseguiu, torturou os movimentos populares.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

JORNAL TRIBUNA DO NORTE – as edições dos dias 07 e 08 de maio de 2006.

(www.tribunadonorte.com.br)

JORNAL DIÁRIO DE NATAL – as edições do dia 07 e 08 de maio de 2006.

(www.diariodenatal.com.br)

JORNAL CORREIO DA TARDE – edição do dia 06/05/2006.

(www.correiodatarde.com.br)

REVISTA FOCO – www.revistafoco-rn.com/politica.htm - site acessado em 30/06/2006.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO SILVA, Justina Iva de. **Estudantes e política**: estudo de um movimento (RN 1960-1969). São Paulo: Cortez, 1989.

CASTRO, Wiara Marinho de. **Entre História e Memória**: uma análise sobre a produção historiográfica do governo Aluizio Alves. 2005. Monografia (Graduação em História) – UFRN, Natal, 2005.

DIAS, Ana Patrícia. **Eleição de marketing político**. In: Sociência – Revista da graduação em Ciências Sociais/UFRN. Departamento de Ciências Sociais. v.1, n.1 (jul./dez. 1998). Natal: PET.

FRAGA, Maria da Conceição. **Memória articulada e memória publicizada**: a experiência de parlamentares brasileiros. Fortaleza: UFC, 2001. (TESE DE DOUTORADO).

GALVÃO, Maílde Pinto. **1964. Aconteceu em abril**. Natal: Clima, 1984.

GERMANO, José Willington. **Lendo e aprendendo**: a campanha de pé no chão. São Paulo: Cortez, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LYRA, Carlos. **Memória viva de Aluizio Alves**. 2.ed. Natal: EDUFRN, 1998.

LIMA, José Ayrton de. **Da brejeira ao rabo de palha**: uma história dos governos do Rio Grande do Norte. Natal: Cooperativa dos Jornalistas de Natal, 1986.

LINS da SILVA, Carlos E. **Em busca do voto perdido**: os meios de comunicação na tentativa de restaurar um pacto populista. Natal: COOJORNAT, 1982.

MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte**. 2.ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Pão, Terra e Liberdade x Deus, Pátria e Família**: as lutas sociais e a evolução política no Rio Grande do Norte, no pós-revolução de 30. Natal: Coleção Mossoroense, 2004.

NORA, Piere. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. 1993.

PEREIRA, Henrique Alonso Rodrigues. **O homem da esperança**: uma experiência populista no Rio Grande do Norte (1960-1966). Dissertação de Mestrado. Recife: Departamento de História, 1996.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *Aluízio Alves*: populismo e modernização no Rio Grande do Norte. Natal: Sebo Vermelho, 2004.

_____. **Uma síntese da abertura política no Rio Grande do Norte**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1997.



ANEXO I

Cronologia da Carreira de Aluizio Alves

1921

Em 11 de agosto, na cidade de Angicos, nasce Aluizio Alves, filho do comerciante Manuel Alves Filho, Seu Nezinho, e Maria Fernandes Alves. Na terra natal, Aluizio cursou o primário de 1926 a 1930.

1932



Com apenas 11 anos, funda o jornal O Clarim, com notícias da sociedade angicana.

1933



Participa, ainda menino, da fundação do Partido Popular no RN.

1937



Lança a coleção Biblioteca de História do Rio Grande do Norte. Dois anos depois, publica Angicos.

1944



Casa-se com Ivone Lira Alves, mãe de Aluizio Filho, Henrique Eduardo, Ana Catarina e Henrique José.

1945



É eleito deputado federal pela União Democrática Nacional (UDN), aos 24 anos, o mais jovem do país.

1949



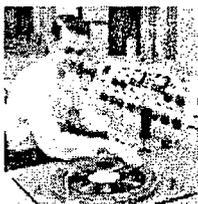
É convidado por Carlos Lacerda para ser redator-chefe da Tribuna da Imprensa.

1950



Forma-se pela Faculdade de Direito de Maceió. Funda o jornal Tribuna do Norte.

1962



Surge a Rádio Cabugi. Começa o embrião do Sistema Cabugi de Comunicação.

1950



Disputa uma vaga para deputado federal pela UDN. É eleito.

1954



Disputa a reeleição e consegue mais um mandato para deputado federal, o mais votado da UDN.

1958



Nova reeleição para a Câmara Federal, desta vez sendo campeão de votos no RN.

1960



É eleito governador do Estado pela coligação PTB/PSD, com 121.076 votos.

1964



Apóia o golpe militar, com receio de que as instabilidades políticas levem o país à guerra civil.

1965



Elege seu sucessor, Monsenhor Walfredo Gurgel, aprofundando a rivalidade com Dinarte Mariz.

1966



Com o Ato Institucional nº 2 (AI-2), filia-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena).

1969



Tem os direitos políticos cassados pelo presidente Artur da Costa e Silva.

1970



Henrique Eduardo Alves é deputado federal pelo Movimento Democrático Brasileiro - MDB.

1974



Atua na eleição de Agenor Maria, infligindo nova derrota a Djalma Marinho.

1978



Apóia Jessé Freire para o Senado, no episódio que ficou conhecido como a "Paz Pública".

1982



Perde a eleição para o Governo do Estado para José Agripino Maia.

1985



Assume o Ministério da Administração, no governo José Sarney.

1990



Volta à cena política, conquistando mandato para deputado federal pelo PMDB.

1992



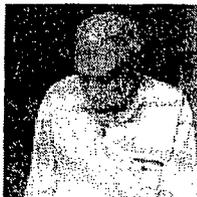
Assume o Ministério da Integração Nacional e idealiza a Transposição do Rio São Francisco.

1993



Com 11 livros publicados, é eleito para a Academia Norte-rio-grandense de Letras.

1994



Nova reeleição para deputado federal, último mandato político exercido.

1998



Decide parar de disputar cargos eletivos, mas continua na presidência do PMDB.

2003



Morre dona Ivone Lira Alves, companheira por quase 60 anos, vítima de infarte.

2005



Com problemas de saúde, Aluizio Alves se afasta da presidência do PMDB.

2006



Após quatro dias internado, devido uma parada cardiorrespiratória, morre Aluizio Alves.

ANEXO II

Letras das Músicas utilizadas pela Cruzada da Esperança

<p style="text-align: center;">MARCHA DA ESPERANÇA</p> <p>“Aluízio Alves veio do sertão lá do Cabugi Pra sanar o sofrimento de seu povo Sua plataforma eis aqui: Assistência e cuidado ao agricultor, Melhores salários pro trabalhador; Com a energia de Paulo Afonso, industrialização. Para mocidade Potiguar saúde e educação. O povo oprimido, do operário ao doutor, Escolheu seu candidato, Aluízio Alves governador”</p>	<p style="text-align: center;">TREM DA ESPERANÇA</p> <p>Foi no Trem da Esperança que Aluízio viajou Quando chegou na guarita, a notícia encontrou Que o chefe de polícia, em decreto oficial, proibiu os seus comícios no coração de Natal. Mas o povo em passeata p’rá desfilou, e em frente ao comitê Aluízio falou</p>
<p style="text-align: center;">ALUIZIO VAI GANHAR</p> <p>Aluízio vai ganhar a eleição, em toda parte de Natal ao Sertão. Vejo alguém que está chorando, deixa chorar. Debruçado na janela, deixa chorar. A gatinha é quem manda, deixa mandar. Vai votar em Aluízio. Aluízio vai ganhar a eleição, em toda parte de Natal ao Sertão. Nosso voto é de Aluízio, é de Aluízio. A vitória é de Aluízio, é de Aluízio. A gatinha vai vibrar, sim vai vibrar. Quando Aluízio governar. Aluízio vai ganhar a eleição, em toda parte de Natal ao Sertão. A eleição vai ser barbada, vai sim senhor. A gatinha está com tudo, está sim senhor. Dando voto a Aluízio. Aluízio vai ganhar a eleição em toda parte de Natal ao Sertão.</p>	<p style="text-align: center;">MARCHA DO POVO</p> <p>Povo dos bairros de Natal: Rocas, Guarita e Alecrim, Quintas, Tirol, Lagoa Seca, todo natalense enfim, Ele se apresentará com um programa inteiramente novo. Este homem é Aluízio Alves, o maior candidato do povo. O nosso Estado há muito apela para este gênio benfeitor. Aluízio, maior sentinela, capacidade, grande lutador. Na certa estarás votando, contribuindo para o dia da vitória. Com Aluízio com sucesso e glória</p>

CIGANO FEITICEIRO

Cigano feiticeiro, teu feitiço me pegou.
Aqui neste lugar, todo você já
conquistou.

Pela primeira vez que você veio ao
sertão, apresentou uma lei e conseguiu
execução.

Cigano feiticeiro, feiticeiro ai meu Deus.

Eu faço tudo, tudo pelo governo seu.

O eleitor, o que deve fazer?

É virar cigano, e votar com você.

E o adversário aqui lhe caluniou, e lhe
chamou cigano, seu prestígio aumentou.

Pelo voto secreto lhe daremos posição,

e a essa oligarquia quem responde é a
eleição.

Cigano feiticeiro, cigano feiticeiro.

ALUIZIO É A ESPERANÇA

Aluízio é a esperança do povo potiguar.

Marchando para a vitória

Ele a de conquistar o voto consciente
daquele que sabe amar a terra em que
nasceu.

E quer vir a lutar por dias melhores.

Aluízio vai chegar.

Natal, progresso,

Aluízio nós vamos lhe confiar esta terra
tão querida,

sta terra tão sofrida, só você pode salvar.

Natal, progresso,

Aluízio é esperança.

Aluízio bonança,

Aluízio é você.

Alguém por quem se espera

Alguém chamado esperança.

XOTE DA ESPERANÇA

É Aluízio que vai ser o governador,
o nosso Estado agora vai reviver.
É candidato que inspira confiança,
e a Cruzada da Esperança muito bem nos
vai fazer.

Traz assistência ao pobre agricultor,
que é homem lutador,
e que mais vive a sofrer.

O povo quer, só fala em Aluízio,
para o sossego de toda gente,
cada eleitor que vota consciente
recusa o emprego na vaga existente,
até mesmo ao dinheiro se torna
indiferente.

O povo quer, só fala em Aluízio.

O povo quer, só fala em Aluízio.

BLOCO DA VITÓRIA

A ala da vitória está na rua,
desde que o dia raiou.
Para combater a tal corrupção,
a hora oportuna chegou, ô, ô, ô.
Quando o povo decide votar em Aluízio
não há quem dê jeito.
Sustenta a palavra, cumpre seu dever,
e depois, rei, tá tudo ok.
Nesta eleição, o governo não pode
ganhar não.
Governo corrupto rasgou a bandeira,
o seu candidato ficou na poeira.

EU VOTAREI

Eu votarei, eu votarei
Eu votarei com Aluízio,
Eu votarei de coração,
é amigo da pobreza
e detesta corrupção.
Eu votarei, eu votarei.
Votarei com Aluízio,
votarei de coração,
o inimigo não me engana,
ele que morra de aflição.

ANEXO III

Discurso de Posse do Governador Aluizio Alves (31/01/1961)

"Assumo nesta hora, perante Deus e perante o povo, a grande responsabilidade da minha vida pública. Político desde a adolescência, percorri até hoje ásperos caminhos de oposição e por eles andei com firmeza, com ousadia, com honra. Agora o povo norte-riograndense, por decisão livre da maioria absoluta de sua vontade eleitoral, entrega-me os encargos de governo. E creio que ninguém duvida sejam eles, nesta oportunidade, os mais penosos, os mais difíceis, os mais duros, de quantos nesta terra já a um homem foram atribuídos. Iremos aos campos para ajudar a reconstrução de sua economia dessangrada, melhorar o nível técnico do seu trabalho e dar aos que os lavram as oportunidades de uma vida melhor. Faremos o esforço pioneiro da industrialização do Estado, aproveitando, com a energia de Paulo

Afonso, a variedade de nossas matérias-primas e transformando sua economia primária de exportação em condições mais úteis ao desenvolvimento econômico. Reformaremos os serviços de educação, saúde e assistência social, ampliando-os e dando ao homem e, principalmente aos problemas de sua infância, os cuidados de que até agora estiveram órfãos.

Reorganizaremos a estrutura do Estado, preparando-a para os tempos novos em que desde os alicerces, o povo fará a nova construção com seu suor, a sua resistência, as suas energias. Mas tudo isso seria inútil se não fizéssemos do governo um instrumento simples e honrado de mudança de mentalidade, das elites, da juventude, do povo, pela compreensão a que procuraremos servir e disseminar de que governar não é dar empregos a amigos, nem tomar o dinheiro do contribuín-

te para distribuir entre comparsas. Não é usar a autoridade a serviço de ambições descontroladas de domínio pessoal; governar é, e há de ser, de agora por diante, a difícil e maravilhosa, a dura e bela missão de unir o povo e seu governo para juntos encontrarem os meios de tornar todos mais felizes uns com os outros, pela alegria de cada um servir a todos na comunhão fraternal das mesmas esperanças.

Outras mãos puseram muitas pedras nesses caminhos a percorrer. Porque não podiam, não sabiam ou não queriam iluminá-los para a serviço do bem comum. Tentaram fechá-los à ação do nosso governo. Tudo fizeram para impedir que déssemos ao povo o que o povo anseia receber. Na humildade de suas reivindicações de bem-estar, para libertá-lo da pobreza trágica a que o submeteram, presa crescente dos que pretendem dominá-lo

pelas logradas necessidades de comer, vestir, estudar, sonhar, viver. Na sinistra deliberação, associaram os interesses mais espúrios, acumplicaram os ambiciosos, envileceram os amedrontados da polícia e do Fisco, dividiram os bens do povo como se deles fossem espólio sem dono, à disposição dos mais ousados, ou dos mais vorazes. Não se conformaram em não fazer o que acenaram ao povo em troca de seu voto, tentaram impedir o que o nosso governo o fizesse, comprometendo por todas as formas os recursos de que carecemos para realizar os empreendimentos em favor de todos e sobretudo dos mais humildes e dos mais pobres, foragidos na paz sombria dos campos ou das cidades. Porque escarneceram do povo, de sua penúria, dos anseios longamente adiados e logrados. Abandonaram, na última hora, o poder que o povo lhes entregou quan-

do já não podiam tirar mais nada de sua exaustão financeira, entregando-nos um palácio deserto e largado, numa administração desorganizada e acéfala, as ruínas que fizeram à custa do dinheiro das populações aflitas e empobrecidas. Aos que me dizem que a tarefa é difícil, respondo: Mais uma razão para tentá-la. Aos que me advertem que a marcha é longa, respondo: Mais uma razão para darmos logo o primeiro passo. Aos que me dizem que o itinerário está juncado de ódios, respondo que o ódio, como os pardais chineses que as crianças matavam cansando-os no voo, também ele cansará se todos nos unirmos para apagá-lo ou destruí-lo, com a consciência de que a casa dividida não sobrevive porque dela deserta o amor e só o amor constrói a esperança."

Aluizio Alves.

ANEXO IV

Discurso de despedida do Governador Aluizio Alves (31/01/1966)

As mãos unidas pela graça do povo, para honra e privilégio de governá-lo, transfiro neste momento o governo do Rio Grande do Norte. Já há cinco anos, nesta mesma praça, sob igual calor de manifestações populares, quebrei a praxe, recusando-me a dizer no discurso de posse, formal e solene, que não era digno da investidura e que me dispunha a fazer um grande sacrifício. Disse eu exatamente o contrário.

Pedira o voto ao povo porque me considerava digno dele e preparado para em seu nome exercer a mais alta função do Estado. Não trazia na alma a melancólica resignação para o sacrifício, antes o ímpeto e a alegria de novas esperanças. Quebro agora outro tabu dos discursos oficiais e vos digo sem rodeios: saio com saudades. Mas a vez então de me perguntar: saudade dos embaixos vividos em tantas horas em que ao ter o anseio de mudar, de construir, de abrir escolas, de rasgar estradas, de ajudar a agricultura, de disseminar a força elétrica, de instalar leitos hospitalares e, afinal, desenvolver e integrar a economia do Estado, faltavam recursos de técnicas e de dinheiro e, às vezes, a colaboração de outros órgãos do poder público. Saudade daquilo que se

convencionou chamar política partidária, arraigada nos vícios e deformações de tantos anos, presa fácil e plástica de tantos interesses; instrumento do ódio morno e persistente, ou do cinismo das vaidades sempre disfarçadas no palatário hipócrita através do qual se degradava a democracia a preceito de servi-la, e se desmoralizava as instituições fingindo-se defendê-la.

Saudade da campanha, da injúria gratuita, da calúnia difamadora que a nada respeitava -, nem sentimentos, nem autoridade, nem família, nem trabalho, nem honra, porque repetidas, publicadas, radiofonizadas, haveriam de sensibilizar almas nascidas para elas, para seu serviço, para sua escravidão. E se tal não ocorresse pelo menos intimamente satisfazia os despeitos represados e inconformados das derrotas eleitorais.

Mas saudade de que, haverei de insistir. Do

"Há 5 anos nesta hora eu vos dizia: Só o amor constrói a esperança. Hoje eu anuncio: só a saudade reconstrói, no amor, outra esperança"

povo, respondo. Do admirável e generoso povo do Rio Grande do Norte. Lembro todas as resistências sofridas nestes cinco anos para realizar o governo do Rio Grande do Norte. Evoco todas as crises nos planos nacional e estadual com reflexos imediatos e graves no esforço administrativo, recorro às incompreensões e as injustiças, pago, sem ódios, o tributo da paciência e tolerância com os ódios dos outros, a sordidez de certos homens, a desfiguração interior de certos bichos.

Ainda que na alma apagasse as cicatrizes dessas lutas, a natureza humana as exhibe inexorável nos cabelos brancos que me assaltam a cabeça e nas rugas que me marcam a face.

E a história há de registrar esses episódios como a contribuição ao julgamento das gerações futuras. Mas ainda assim tenho imensa saudade do povo. Do rosto calejado, mas confiante dos que diariamente amanheciam a minha porta para, talvez, o último diálogo de suas necessidades e esperanças. O encontro fraternal com os homens do campo, reanimados pelo visível esforço de ajudá-los a vencer fragilidades seculares; das multidões festivas e carinhosas das praças públicas afirmando no cântico de suas

músicas improvisadas e no aplauso de seus corações que não foi em vão que em 1960 havíamos iniciado a marcha da esperança e da prosperidade; das vigílias do Natal, sentindo nas faces tristes dos doentes e dos solitários a reconstrução momentânea da fraternidade das crianças, isoladas ou reunidas, nas escolas ou nos brinquedos, nas ruas ou nos lares, dividindo conosco o seu amor, e adivinhando na amizade espontânea e gratuita que havia entre nós uma bênção recíproca e sem gestos: a da confiança que elas pressentiam na minha tenacidade e na autenticidade que eu buscava no seu valor ainda puro e nas suas ainda intocadas esperanças.

Eis porque, brasileiros e rio-grandenses-do-norte, nesta hora que é de agradecimento e de despedida eu vos digo: com a alma enriquecida pela nossa companhia e amizade nesses anos que passaram, com humildade só peço a Deus, não me prive, nos anos que virão da graça da vossa saudade, que é a forma de vos ter sempre onde estiver, em qualquer circunstância, perto de mim. Há 5 anos nesta hora eu vos dizia: Só o amor constrói a esperança. Hoje eu anuncio só a saudade reconstrói, no amor, outra esperança.